

“Mulheres lascivas e depravadas”:

fabricação da essência feminina na obra “Observações Médicas Doutriniais de Cem Casos Gravíssimos” de João Curvo Semedo¹

Carolina da Palma Fernandes²

Resumo: Os escritos médicos se tornaram fontes ricas para os historiadores da medicina pois, ao analisar esses documentos, é possível observar os indivíduos dentro dos padrões sociais da época. Diante disso, discussões a respeito de gênero, de classe e de raça são perceptivas na historiografia, tendo a contribuição de vários autores e autoras que se dedicam no intercâmbio da História-Medicina. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo analisar as *Observações médicas doutriniais de cem casos gravíssimos* (1707), de autoria do médico João Curvo Semedo (1635-1719), responsável pela difusão da iatroquímica em Portugal, a fim de compreender as relações de hierárquicas da sociedade moderna explícitas em suas páginas, em especial – buscaremos ainda identificar como a medicina reforçou por séculos o papel da mulher de mera reprodutora, e como resultado, espera-se assim que, este trabalho venha contribuir com a discussão da História da Medicina no campo dos estudos a respeito das mulheres no período moderno.

Palavras chaves: Mulher seiscentista, Medicina Portuguesa, João Curvo Semedo.

Abstract: The Medical writings became rich sources for historians of medicine because, by analyzing these documents, it is possible to observe individuals in the social standards of the time. That said, discussions about gender, class and race are perceptive in historiography, with the contribution of several authors who are dedicated to the exchange of History-Medicine. Thereby, the present work aims to analyze the doctrinal medical observations of one hundred very serious cases (1707), authored by the physician João Curvo Semedo (1635-1719), famous physician responsible for the dissemination of iatrochemistry in Portugal, in order to understand the hierarchical relationships of modern society explicit in its pages, in particular - we will also seek to identify how medicine reinforced for centuries the role of women as mere reproducers. As a result, it is hoped that this work contributes to the discussion of History of Medicine in the field of studies about women in the modern period.

Keywords: Seventeenth century woman, Portuguese medicine, João Curvo Semedo.

“Lewd and depraved women”:

fabrication of the feminine essence in the work “Doctrinal Medical Observations of One Hundred Very Serious Cases” by João Curvo Semedo

¹ Artigo oriundo de Iniciação Científica, realizado na Universidade Federal do Amazonas (UFAM), sob orientação do prof. Dr. Wellington Bernardelli Silva Filho e financiado pela agência Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² Graduada em História pela Universidade Federal do Amazonas (2023) e mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas. Pesquisa na área de História da Saúde e das Doenças. E-mail: . Lattes: CV: <http://lattes.cnpq.br/4461200219288298>

Introdução

De acordo com Mary Lindemann, em *Medicina e Sociedade no Início da Europa Moderna* (2002), a História da Medicina, nas décadas de sessenta e setenta do século XX vivenciou uma mudança relacionada à maneira que os estudiosos elaboram a escrita da história e das patologias que ameaçavam as populações. O Doutor em Medicina e Filosofia (M.D e Ph.D.) George Rosen foi quem levantou a proposta de estudar a história da medicina por uma perspectiva mais ampla, abrangendo e defendendo pesquisas dentro do contexto social, da demografia, da história das emoções e das respostas às enfermidades, dialogando com a necessidade de dar ‘voz’ aos enfermos.

Diante disso, com os desenvolvimentos historiográficos, a *nova história da medicina* ou a atual *história social da medicina*, avança significativamente no que diz respeito aos estudos e pesquisas neste campo. Portanto, trabalhos relacionados às práticas médicas, aos usos de plantas medicinais, bem como a circulação destas, seja no território brasileiro ou europeu veem sendo amplamente discutidos e elaborados. Dessa forma, com a ampliação das fontes para esses estudiosos, a utilização de tratados médicos torna-se relevantes para os conhecedores da área, pois, através destes escritos, o historiador pode lograr informações a respeito de uma sociedade e suas respectivas condutas sociais.

Com essa renovação, entram em cena pesquisas trazendo à luz médicos importantes que deram grandes contributos com seus tratados. Esses tratados possuem descrições do uso de determinados tipos de plantas, os processos de curas nos pacientes e fórmulas de prevenir doenças. Dentre os médicos mais conhecidos na história da Península Ibérica, destaca-se o português João Curvo Semedo (1635-1719), possuindo uma grande circulação pelo Brasil colônia.

Articulando tradições médicas distintas, lançando mão de autores clássicos, mas não deixando de citar novos, Curvo Semedo chama atenção por utilizar-se tanto da medicina hipocrática-galênica, quanto da iatroquímica em seus trabalhos (Edler, 2006), como formas complementares de compreensão do corpo humano, sua saúde e processos de curas (Almeida, 2012). Não obstante, Semedo possui uma vasta obra de tratados médicos, onde é possível observar as suas experiências como profissional da saúde em relação ao trato com seus pacientes, o manuseamento dos medicamentos, assim como o uso significativo de plantas brasileiras (Silva Filho, 2021), sendo referência para outras obras médicas (Wissenbach, 2002, p. 128).

José Pedro Sousa Dias, em sua tese *Droguista, boticários e segredistas* (2007), fez um estudo acerca da árvore genealógica do médico e, mais que isso, aborda em seu trabalho as contribuições de Curvo Semedo para a sociedade portuguesa. De acordo com Sousa Dias, ainda que o médico tenha herdado o “defeito mecânico” de seus pais, Semedo conseguiu entrar na Ordem de Cristo, recebendo uma mercê por seis anos da Fortaleza do Morro de Chaúl. O autor também destaca o trabalho de Semedo nos diversos estratos sociais, sendo chamado para atender de nobres, mecânicos a conventos, enfatizando a popularidade do médico no contexto português (Santos, 2005, p. 52).

No tocante ao “defeito mecânico” explicitado, faz-se pertinente abordar que no Portugal moderno, onde a sociedade estava calcada no estamento e na hierarquia social, trabalhar manualmente significava pertencer a uma estirpe social inferior. Sendo assim, atividades que exigiam esforço braçal, tais como os ofícios de mecânico, ferreiro, artesãos e até mesmo ser dono de loja, incluíam-se no rol de trabalhos considerados de menor qualidade. Com base nisso, quando Sousa Dias aponta que Curvo Semedo havia herdado o defeito mecânico, ele está referindo-se ao fato do avô de Curvo Semedo ter exercido em Monfort a atividade de ferrador e de seu pai que, chegando em Lisboa, instalou na Ribeira uma loja de ferro (Dias, 2007, p. 45).

Consequentemente, ter defeito mecânico na família, implicaria na dificuldade de ascender grandes cargos sociais. Entretanto, essas normas impostas pelas *Definições e estatutos dos cavaleiros e freires da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo*, publicadas em 1628, como bem atesta Thiago Nascimento Krause, não eram irreversíveis, uma vez que ocorriam concessões em favor de pessoas que não se enquadravam no *status* social do Antigo Regime para integrar as três Ordens, sejam elas de Cristo, Santiago ou Avis aqueles que exercessem uma profissão nobre, no caso de Curvo Semedo, a medicina.

Além da sua profissão bem colocada, chamo atenção para mais dois fatores que possam ter contribuído para o médico ocupar um lugar na Ordem de Cristo. O primeiro diz respeito à pureza de sangue, condição que estava inclusa no quadro de exigências do Regime Português, praticada através da instauração da Inquisição. Dito isso, a pureza de sangue implicava em não deter ascendência judaica ou moura, caso contrário, havia dificuldades para adentrar nas universidades e ascender economicamente e profissionalmente (Lourenço, 2016, pp. 62-65). Semedo por não dispor de tais descendências era considerado cristão velho, o que facilitou seu acesso a atividades no campo médico e intelectual.

Por segundo, Curvo Semedo carregava consigo contatos com parentes afastados ou próximos que obtinham influência no campo religioso e médico-farmacêutico. A exemplo tem-se seu cunhado – irmão da sua segunda esposa – o Frei Manuel Guilherme (1658-1730), dominicano, professor de Teologia Moral e pregador do Santo Ofício. Sua sobrinha D. Teresa, que se casou com o Dr. José de Pina Coutinho, filho do cirurgião mor do reino, o Dr. Manuel Pina Coutinho (f. 1715). Por fim, Semedo era primo direto da avó materna de João Gomes Silveira, que atuava como representante dos segredos curvianos e boticário da Casa Real (Dias, 2007, p. 47). Vê-se então que o médico estava bem amparado com base nas suas relações familiares, o que acabava por superar o passado mecânico do pai e avó.

Apesar do médico português ser bem colocado na historiografia, como alguém de bons contributos à medicina, seus processos de cura foram alvos de críticas no estudo *Saber médico na época barroca – nascer, em Portugal* (2015), da historiadora portuguesa Maria Irene Dória Nóbrega. A autora aborda em seu trabalho um estudo a respeito do olhar da medicina com relação à mulher, proferindo aspectos a respeito do processo gestativo desta – como concebia, gerava e dava à luz – preocupando-se em discutir a estrutura social para a recepção do recém-nascido.

Nesse contexto, a historiadora declara que Curvo Semedo era um “erudito e supersticioso, curandeiro e charlatão”, concluindo que a sua farmacopeia com remédios de origem animal era composta de “substancias imundas e repugnantes” (Nóbrega, 2015, pp.186-194). O trabalho de Nóbrega, apesar de exercer uma crítica baseada nas concepções de saúde contemporânea, criando um juízo de valor equivocado em relação as curas utilizadas por Semedo e outros médicos, tem como objetivo discutir a condição da mulher no Portugal moderno, consistindo como uma das novas práticas de se escrever a história da medicina para além de seus progressos.

Configura-se, desse modo, alguns trabalhos que trazem a mulher para o centro das discussões e a sua respectiva condição legitimada pela medicina, bem como os cuidados e costumes que eram destinadas a ela. Ademais, há estudos que se concentram em tratar especialidades médicas voltadas exclusivamente para as mulheres, como o trabalho “*A mulher é seu útero*”. *A criação da moderna medicina feminina no Brasil* (2008), onde a historiadora Patrícia de Freitas faz uma revisão bibliográfica a respeito do surgimento da ginecologia e obstetrícia, trazendo à tona como a diferença do corpo da mulher à luz do fundamento naturalista e da biologização reforçou a diferença de sexos, culminando em uma desigualdade de gênero.

Em outro trabalho, intitulado *A mulher, o médico e as historiadoras: um ensaio historiográfico sobre a história das mulheres, da medicina e do gênero* (2019), Ana Paula Vosne Martins trata especificamente de como mulheres feministas, não só historiadoras, mas médicas, filósofas, biólogas e físicas, lutaram para mudar o sentido da ciência médica e a visão desta para com a mulher. A historiadora aborda que esse esforço de mulheres cientistas para o estudo da ciência e gênero se deu com uma troca de respectivos campos disciplinares, classificado por Evelyn Fox Keller (1995) como “zonas de trocas” (Martins, 2020, pp. 241-264). De fato, essa troca interdisciplinar se faz importante para amparar as produções acadêmicas e, mais que isso, prescrutar os silenciamentos das mulheres que antes não obtinham uma memória histórica.

Constata-se que apesar de existir trabalhos que abordem os atos de curas e respectivamente seus tratados, não há, ainda, uma historiografia consolidada a respeito de João Curvo Semedo. Se tratando do Brasil, como é possível observar, o autor é bastante referenciado em artigos e teses, mas não há estudos em quantidades significativas que se dediquem em trabalhar as suas obras.

Finalmente chamo atenção para o fato de que as mulheres vieram, muito recentemente, ocupar um lugar na historiografia, ocorrendo estudos cuja preocupação estava em problematizar os padrões impostos pela sociedade ao longo dos períodos para essas mulheres.

Mary Del Priore, no capítulo *História das mulheres: as vozes do silêncio*, do livro *Historiografia brasileira em perspectiva* (2007), delineia um balanço a respeito da história das mulheres que começou, de início, com discussões na filosofia e mais tarde, na antropologia. Discutiam-se as diferenças de sexo, a moral e a racionalidade destas, ou melhor, a ausência da racionalidade, uma vez que estas, segundo a filosofia, eram movidas pela paixão. Dessa forma, desenha-se uma história das mulheres pensada e praticada por homens.

Mapeando a figura feminina no campo das ciências humanas, a historiadora trata que no século XIX, veio a mudança. Agora pensa-se a mulher como quebras de rupturas, isto é, procurava-se “definir a liberdade, a emancipação, ou a igualdade entre homens e mulheres” atestando que “a igualdade entre os sexos não podia ser ignorada” (Freitas, 2007, p. 220). Já no século XX, saindo do campo filosófico, a mulher passa a ser pensada nas “ciências-sociais e humanas” (Freitas, 2007, p. 220).

Dessa forma, partindo da perspectiva da negação e do esquecimento, a história das mulheres, a partir da década de 1970, passou a emergir junto ao movimento feminista, atrelada à antropologia, à história das mentalidades, à história social e memória popular.

Constata-se então um *boom* no escrever a história das mulheres, partindo majoritariamente de trabalhos feministas. Esses trabalhos, como destaca Priore, não alçavam destaques na disciplina de história, resultando em um lugar de pouca importância.

Os reflexos da mudança no campo da pesquisa histórica tornam-se realidade ao surgir a história das representações culturais, sociais e políticas, surgindo assim a noção de “cultura feminina” (Freitas, 2007, p. 221), o que permite análises de gestos e práticas como formas culturais. Sendo assim, os estudos culturais e de representação oferecem para a historiografia novas possibilidades de reflexão a respeito dos papéis sexuais. No Brasil, segundo a autora, as pesquisas a respeito das mulheres, inicialmente, não obtiveram apoio por parte das universidades brasileiras, pois estavam embricados em dois problemas: o primeiro como problemas de feministas e o segundo como meras curiosidades (Freitas, 2007, p. 226).

Entretanto, é com a influência da *Nova História* e com os desafios de se pensar a criminalidade, a sexualidade e os desvios, que foi possível observar obras historiográficas que se dedicaram a estudar fontes pertencentes a instituições de poder – Igreja e Estado – pensando o Brasil colonial, imperial e republicano, inaugurando um filão de trabalhos que tinham como objetivo buscar a ação dessas mulheres nas entrelinhas da história, nos seus feitos e gestos cotidianos, onde existiam e resistiam, mostrando que no dia-a-dia, essas mulheres faziam história. Esta discussão também está envolta para a ampliação de fontes que permitiram o “resgate” de grupos até então esquecidos pela história tradicional, bem como a abordagem da história oral e a recuperação da memória feminina (Freitas, 2007, pp. 227-229).

Com todos os trabalhos elaborados e campos que emergiram dentro dos estudos históricos, sendo constantemente importados para o Brasil, como o conceito de gênero, contata-se que ainda há muito o que estudar para suprir o vácuo em relação à historiografia feminina, e, se tratando da troca interdisciplinar da história e medicina, pode-se se dizer que também se faz necessário estudos para suprir essa lacuna. À vista disso, é preciso trazer à luz discussões que reflitam a respeito do padrão social que vigorava no período moderno. Assim sendo, o presente trabalho tem como objetivo estudar as *Observações médicas doutrinárias de cem casos gravíssimos* (1707), de autoria do médico João Curvo Semedo (1635-1719), a fim de compreender as relações hierárquicas da sociedade moderna explícitas em suas páginas, em especial – buscaremos ainda identificar como a medicina reforçou por séculos o papel da mulher de mera reprodutora.

João Curvo Semedo: contexto médico Português e contribuições

João Curvo Semedo nasceu em Monforte em 1 de dezembro de 1635, tendo falecido, em Lisboa, em 26 de novembro de 1719. Seus estudos iniciais foram realizados em Lisboa, no Colégio de Santo Antão; na Universidade de Coimbra graduou-se em Medicina. Autor de diversos tratados e escritos médicos, sendo *Polianteia Medicinal* (1697); *Atalaya da vida contra as hostilidades da morte* (1720) e *Observações médicas doutrinárias de cem casos gravíssimos* (1707) seus contributos mais significativos para estudar o pensamento médico barroco português.

Suas obras estão inseridas no contexto em que Portugal, segundo Sousa Dias, vivia “à sombra de Aristóteles” (Dias, 2007, p.17). Essa afirmação se dá pelo motivo do país resistir às inovações terapêuticas referentes à Medicina moderna, resultando em barreiras no ensino médico universitário. Sendo assim, os alunos eram treinados para recusar qualquer teoria que não fosse de acordo com Aristóteles, fazendo Portugal, nos finais do século XVII, ficar sob base da Medicina clássica de Hipócrates e Galeno e resistente aos medicamentos químicos.

No que se refere a negação à farmácia química pode ser entendida por dois fatores: o primeiro, está ligado com a relação às disputas de espaços entre os médicos portugueses e os médicos estrangeiros, como assinala Sousa Dias ao tratar das críticas feitas pelo médico Francisco Morato Roma, mostrando-se indignado com os estrangeiros que estavam por espalhar curas tendo como base a química, pós de antimônio e mercúrio.

O segundo fator está relacionado à influência inquisitorial do Santo Ofício que impossibilitou, de maneira dissuasora e indireta, a circulação da medicina moderna, suas obras e seus seguidores. Para Igreja, a química estava intimamente associada com a alquimia, artes mágicas e cabalísticas, portanto, práticas que não entravam nos padrões vigentes do período. Nesse âmbito, encontravam-se as suspeitas da Igreja para com Paracelso (1493-1541)³, o que leva as suas obras a serem inclusas no rol de livros proibidos pela inquisição.

A atmosfera do medo e do receio fez com que muitos médicos não se adaptassem ou, pelo menos, não adquirissem leituras a respeito dos novos mecanismos das práticas médicas. Entretanto, percebe-se que havia uma grande circulação de obras dentro do contexto social português promovida por médicos pertencentes ao Santo Ofício, ou médicos estrangeirados –

³ Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim, mais conhecido como Paracelso, foi um médico, alquimista e filósofo suíço. Paracelso foi um forte defensor do uso da química nos tratamentos das doenças, privilegiando a experimentação, isto é, a manipulação de substâncias para a fabricação de medicamentos, além de enfatizar o valor da observação. Para o médico, o princípio da alquimia estava dividida em três substâncias: o mercúrio, o enxofre e o sal, representando respectivamente o espírito, a alma e o corpo.

médicos judeus que haviam sido expulsos de Portugal – assim como intelectuais de outros campos que estavam em oposição ao Santo Ofício.

Com relação ao uso dessas obras, o próprio Curvo Semedo, Cavaleiro Professo da Ordem de Cristo e familiar do Santo Ofício, faz uso de referências a médicos que utilizavam a química como principal componente nos seus processos de curas, como é o caso de *Daniel Sennert* (1572-1637), médico alemão, defensor dos remédios químicos e professor em Wittenberg. Curvo Semedo, em uma passagem do seu tratado *Observações médicas doutriniais* (1707), utiliza *Sennert* para amparar seu conhecimento médico, demonstrado estar aberto a outras práticas de cura e que ocorria a circulação de autores até então proibidos pela Inquisição.

Diante disso, de acordo com José Pedro Sousa Dias, uma das principais cooperações de Curvo Semedo está relacionada à farmácia seiscentista e à popularização de remédios químicos e do antimônio. Além disso, ainda de acordo com o historiador, Semedo inaugurou um novo estilo de literatura médica, utilizando referências e extratos das fontes, e fazendo uso de uma extensa bibliografia dos autores que tratavam sobre o tema. Esta afirmação pode ser constatada ao longo das páginas do seu tratado *Observações médicas doutriniais* (1707), quando, em uma passagem, ao referir-se à conduta da mulher, cita ao lado o filósofo Sêneca, conhecido por dedicar-se a temas a respeito da ética em sua filosofia moral, denotando de conhecimento que vão além das leituras médicas.

O resultado dessa nova literatura médica escrita por Semedo proveu uma série de obras durante toda a metade do século XVIII. Entre os médicos influenciados pelo médico lusitano estão Manuel da Costa Monteiro, cirurgião e físico-mor das armadas e cavaleiro da Ordem de Cristo, seguido de José Ferreira de Moura, cirurgião em Lisboa e, por último, João Lopes Correia, cirurgião do hospital de Todos-os-Santos. Suas obras seguem o além-fronteiras, exercendo influência para outros médicos, como é o caso do espanhol Francisco Suárez de Rivera (1680-1754) que, além escrever diversos livros dedicando-os à Curvo Semedo, a sua obra médica deteve uma orientação científica semelhante à do médico português.

Dessa forma, o contributo do médico se deu, principalmente, na proliferação do recurso à terapêutica química que, no segundo quartel do setecentos, estava praticamente inquestionável, como bem evidencia Georgina Santos ao salientar que, em Portugal, João Castelo Branco tornou-se famoso por manipular medicamentos químicos, chegando a

produzir dois livros sobre o tema, ainda assim, o grande vulgarizador dos princípios foi mesmo Curvo Semedo.

Galenismo e iatroquímica: conciliações nas terapêuticas de Curvo Semedo

Medicina moderna e medicina antiga. Duas áreas cujos procedimentos de curas se distanciavam e estavam, de modo paralelo, em um processo de disputas de espaços por quem as praticavam. Em Inglaterra e Itália já havia vislumbres da dominação desta sobre a medicina galênica (Walker, 2013, p. 117-119), diferente do que ocorria no contexto português, onde encontra-se Curvo Semedo. As duas áreas entendiam de forma distintas o corpo humano, bem como os remédios que poderiam vir a ser usados para curá-lo.

No que se refere à terapêutica hipocrática-galênica, sua base está composta na teoria dos humores, que se constitui do sangue, fleuma, bile amarela e bile negra. Dessa forma, cada humor corresponde a cada uma das quatro estações, predominando naquela que compartilha a mesma natureza. Em virtude disso, nessa teoria, o corpo humano detinha por características o sangue, quente e úmido, e predominava na primavera; a bile amarela, quente e seca, predominava no verão; a bile negra, fria e seca, predominante no outono; e por fim, a fleuma, fria e úmida, predominando no inverno (Rodrigues, 2020, p. 115). Assim, a terapia baseada nos médicos clássicos, composta de sangrias e purgantes tinha como objetivo recuperar o equilíbrio humoral.

Já a farmácia química, por sua vez, planeava entender o corpo humano a partir de análises químicas, possuindo sua base em composições de substâncias de origem vegetal e animal, disponibilizando para os médicos os usos do pó de quintílio, o mercúrio e o antimônio (Lourenço, 2016, pp. 20-24). João Curvo, como já citado, é conhecido por manipular, receitar e usar os remédios químicos, mas sem abandonar seus preceitos galênicos. O médico aponta que:

Não sou tão obstinado sequaz da Escola Hermetica, que não preze muito de ser discípulo da Hipocrática: nem quando louvo os remédios químicos, deixo de conhecer se devem grandes aplausos aos galênicos. Prova seja desta verdade a seguinte cura que fiz, valendo-me dos remédios, e conselhos de uma e outra escola. (SEMEDO, 1707, p. 20)

Este excerto refere-se ao processo de cura em D. Cecília Maria de Meneses, no qual o médico utilizou remédios de origem metálica, justificando que estes não são alterados e nem destruídos. Ainda neste excerto, Curvo Semedo lança críticas aos médicos que sumariamente

utilizam-se de excessivas sangrias. O posicionamento de Curvo Semedo demonstra que, por mais adepto que fosse ao galenismo, não deixava de fazer críticas a estes processos de curas, ao mesmo tempo, o médico impõe seu prestígio nas páginas de seu tratado, quando o mesmo se refere aos casos em que é solicitado em decorrência de tentativas frustradas de outros profissionais da saúde. Outro ponto fundamental para entender a influência da química nas suas curas está relacionado com a experiência e manipulação de remédios.

Para entender o destaque que Semedo possui em relação ao fator citado acima, é importante salientar que havia uma diferença na formação médica. O ensino para os médicos licenciados baseava-se somente na observação, fazendo com que muitos profissionais não entrassem em contato com o manuseamento de remédios e dissecação de cadáveres, este último não fora colocado em prática pelo médico em questão. Dessa forma, é perceptivo que o Curvo Semedo frui de uma formação completa. Formação esta que será implementada mais tarde com a reforma dos estudos universitários de Coimbra com D. João V, conhecido como Marques de Pombal. Baseando-se nas suas experiências de curas, Curvo Semedo diz:

Os doutos, & os que não temem tomar em as mãos alvas os carvões negros, bem me entendem; & os que não sabem coisa alguma da Arte Química, nem por isso devem desprezar os remédios, que não conhecem, maiormente depois de lhe constar que fazem efeitos maravilhosos [...]. (SEMEDO, 1707, p.109)

Neste ponto, o médico português não só ressalta a importância da manipulação dos remédios, como também adverte aos médicos a importância das curas realizadas com ajuda dos procedimentos químicos. Esse posicionamento de Curvo Semedo é seguido por todas as páginas de *Observações médicas doutrinárias* (1707), onde sucessivamente expõe seus sucessos curativos. Vale ressaltar ainda que no cenário português, ao lado de Semedo encontra-se os médicos João Bravo Chamisso, Duarte Arraes Madeira e João Vigier que ajudaram a fixar o uso da química no país.

A mulher em Curvo Semedo: discurso moral nas práticas de cura

Para Galeno, os corpos femininos e masculinos expressavam uma hierarquia baseada na teoria humoral, mostrando que a mulher, por ser mais fria e úmida, era considerada inferior e por isso seu corpo estava mais sucessivo a corrupções morais. Já o homem, por sua vez, detinha o corpo mais quente, o que fazia dele, hierarquicamente superior. Além disso, a mulher era considerada inferior ao homem, pois, os seus órgãos sexuais eram considerados

invertidos e na ausência do calor, eles não poderiam ser exteriores tal qual os órgãos masculinos (Martins, 2004, p. 188).

A definição do corpo de sexo único/carne única discutida pelo historiador Thomas Walter Laqueur, em seu livro *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud* (2001) é justamente a ideia que de a mulher é inferior ao homem devido às suas características físicas. À vista disso, para a mulher ter qualquer reconhecimento, ela precisaria ser ao máximo semelhante ao homem. A ideia supracitada é o que definiu às diferenças sexuais desde a antiguidade até o século XVII. Ver-se que a construção da inferioridade feminina vem estruturando suas bases, desde a medicina greco-romana e, ao longo dos séculos, foi-se criando mecanismos de condutas morais para estigmatizar a mulher, fazendo com que sempre esteja em uma posição inferior ao homem.

Dessa forma, para compreender o discurso a respeito da mulher e, conseqüentemente, a moral que ali estava incluída, é necessário entender que herdeiros da medicina medieval, a ciência médica permitida em Portugal, bem como toda a produção de conhecimento no Império Português, tinha respaldo nas tradições religiosas. Mesmo fazendo uso de produtos químicos nos seus processos de curas, João Curvo Semedo não se furtava de utilizar a teoria humoral em suas práticas terapêuticas.

Nas passagens extraídas da fonte *Observações médicas e doutrinais de cem casos gravíssimos* (1707), fica estritamente claro que Curvo Semedo utilizava-se do discurso médico oficial para legitimar estereótipos acerca do corpo feminino, influenciando na sua posição social no Portugal do século XVII e XVIII. A respeito desse discurso, Semedo traz na *observação XLIV*, o episódio em que uma mulher tenta executar um procedimento abortivo, fruto de um caso extraconjugal, relatando que:

Vi uma mulher tão abrasada no amor lascivo de certo homem, que pondo de parte a vergonha, e desprezando a muita preciosa joia da honra e boa fama, chegou a ter com ele ilícitos contratos, de que se seguiu sentir-se prenhada e porque o crescimento e grossura do ventre não descobrisse o seu delito, quis mover, e deitar de si a criança, fazendo grandes diligências para isso (SEMEDO, 1707, p. 272)

Diante do exposto, fica claro que, para o médico, a culpa do ato extraconjugal cai unicamente para mulher, uma vez que mais à frente o médico ressalta:

E como o demônio costuma escarnecer daqueles, a quem soube enganar, fez conhecer a esta desalmada mulher o crime que tinha cometido, amedrontada com a continua lembrança do grande risco em que estava a sua vida, se seu marido chegasse a ter notícia de tão desmarcado atrevimento. Confusa e

desesperada com o temor da morte que tinha merecido, consultou uma velha embusteira, perguntando-lhe o que faria para mover (SEMEDO, 1707, p.273).

Nesta passagem faz-se necessário chamar atenção para três fatores que se tornam pertinentes a este trabalho. O primeiro diz respeito à forma com que Semedo traz a mulher nesse relato, como alguém “desalmada” e depois expõe que seu comportamento “desprezava a joia preciosa da boa fama e honra” (Semedo, 1707, p. 273) salientando que uma mulher para ser respeitada em sociedade, precisaria ir ao encontro dos padrões morais que a sociedade dos séculos XVII e XVIII julgava serem corretos. Além disso, o médico anula possibilidades de relações para o bel prazer, uma vez que a sexualidade feminina era associada ao desejo da mulher de ser mãe. Esse discurso reforça a construção de um juízo moral sobre a procriação, cuidadosamente realizado pela Igreja, contribuindo para a domesticação feminina.

A segunda menção necessária está relacionada ao termo “velha embusteira”, usado por Semedo para nomear a curandeira que ajudou no processo de “mover a criança”, isto é, realizar o aborto. A respeito dessa ideia, Curvo Semedo não se abstém de criticar homens e mulheres que exerciam tais práticas, trazendo em seus escritos menções que desqualificam o trabalho dos curandeiros, ao mesmo tempo, alerta os pacientes para não utilizarem tais serviços. Na *observação XXXIII*, é perceptivo como os licenciados, aqui, representado por Semedo, encarava a atuação das atividades de curas ilícitas. Semedo salienta que:

[...] Neste aperto apelou a miserável doente para as velhas benzedoras, consultou os barbeiros ignorantes, & entregou-se a alguns estrangeiros saltimbancos, & o que pior é, não o teme fiar-se de feiticeiras; mas de todos estes mesinheiros se experimentarão baldados os remédios, & os conselhos (SEMEDO, 1707, p. 203)

Apesar das práticas de curas exercidas pelos médicos e pelos curandeiros, no início da Europa Moderna, muitas vezes se entrelaçam, as elites, os homens da Igreja e os familiares do Santo Ofício não aprovavam as atividades dos curandeiros e saludadores. No caso dos profissionais da saúde licenciados, desconfiavam dos métodos utilizados por estes, interpretando-os como arriscados, ineficientes, de caráter pouco científico e supersticiosos, como é possível observar com o trecho citado acima, onde ilustra-se bem este pensamento (Walker, 2013, pp. 47-91).

Chamo atenção para este fato, pois reflete o contexto médico lusitano. Esse comportamento, muito comum por parte dos médicos licenciados, traz à tona um campo de disputas e espaços na sociedade portuguesa com relação à atuação médica dos formados nas

universidades e dos agentes de saúde não licenciados. Os curandeiros, como ressalta Timothy D. Walker, pertenciam às classes mais pobres de Portugal, alguns forasteiros, mas majoritariamente mulheres, casadas e relativamente jovens que, no alvorecer do Iluminismo, foram perseguidas sob acusação de crimes de magia (Walker, 2013, p.46).

Dessa forma, em consonância com a Inquisição, o papel destes grupos foi marginalizado, sendo desqualificados e desacreditados. Ainda de acordo com Walker, os curandeiros e os saladores prestavam serviços a locais que, por vezes, não havia assistência médica disponível, atingindo grupos sociais menos abastados (Walker, 2013, p. 91). Com isso, constata-se que esses profissionais acompanhavam o curso do desenvolvimento social e exerciam suas funções antes de haver a institucionalização médica e as reformas médicas que atingiram Portugal no setecentos.

Por último, ainda respeito da *observação XLIV*, faz-se notar a carga de culpa que o médico atribui à mulher quando se trata do ato extraconjugal que, em nenhum momento faz juízo de valor a respeito do homem envolvido no caso, mostrando que, para a sociedade, o único comportamento passivo de julgamento seria o feminino. Religioso e moralista, Semedo não se abstém dos sermões que lança às mulheres que utilizam de forma incorreta o seu corpo. Nota-se então que o médico, mesmo prestando socorro à mulher, a quem ele mantém em anonimato, não deixa de evidenciar o seu posicionamento pessoal quando diz que a mesma merecia a morte por atentar contra a vida da inocente criança, exibindo ao final deste caso, uma observação de caráter religioso direcionada às mulheres pecadoras, alertando que:

[...] aprendam e conheçam as mulheres que com Deus não se zomba; porque como nenhuma coisa se lhe pode esconder, e em tudo seja juiz retíssimo, não consente (sem grande castigo) que as inocentíssimas crianças se matem, e afoguem, e maliciosamente se mal faram; mas antes para maior confusão, e afronte de semelhante delinquentes permite muitas vezes que os malefícios execrando se manifestem; para quem pecou em secreto, se castigue em público (SEMEDO, 1707, p. 275).

A discussão com relação ao corpo feminino e os seus usos, como já salientado, faz parte das inquietações médicas atrelado ao discurso religioso, uma vez que havia o esforço, como constata Mary Del Priore, em mapear a ‘madre’. Logo, nota-se nos escritos do médico que, a ‘madre’, responsável pelo fluxo mensal, mas também por ser o órgão responsável pela procriação e o prazer feminino, causa um sentimento de estranheza para Semedo, refletindo em um obscurantismo da medicina com relação a este órgão. Isto é, ao mesmo tempo que a ‘madre’ é geradora de vidas, ela é considerada o mal de toda mulher. Dessa forma, o corpo da

mulher assume uma dualidade que, ora aparece com certa fragilidade ao ponto de corrompê-la e debilitá-la e ora aparece como fonte de incertezas. De acordo com João Curvo:

Seria coisa enfadonha referir aqui as muitas doenças, que as mulheres padecem por causa da madre; basta dizer em suma que a madre é autora de infinitas calamidades; porque, como diz Hipócrates, dos meses represados ou por qualquer causa diminuídos, ou demasiadamente profusos trazem gravíssimas doenças os seus princípios (SEMEDO, 1707, p. 27).

A ‘madre’, correspondente ao que se conhece como útero é, desde a época clássica, o órgão responsável pela histeria (*hystera* “útero” em grego), sendo esse o motivo pelo qual a doença está, até os dias atuais, associada exclusivamente à mulher (Cavalcante, 2017, pp. 1-3). Como atesta Semedo, evocando Hipócrates, o útero feminino é um órgão que produz, por natureza, maledicências às mulheres, sendo assim, a histeria faz parte do quadro de enfermidades que compõe e acometem o corpo feminino. A histeria, ao longo dos séculos, passa a ser estudada e sofre algumas mutações em relação a sua forma de manifestação no corpo, mas a sua presença sempre é apontada como principal motivo para o comportamento melancólico e até criminoso das mulheres.

A respeito dessas mudanças, constata-se que no século XVII, os estudos a respeito da doença são retomados e a princípio ela é associada a vapores que circulam pelo corpo humano, que antes eram passados pelas artérias e agora passam circular pelos nervos, tendo como destino final o cérebro. Mas, apenas o cérebro feminino seria atingido por esses vapores. O século XVIII chega e com ele os avanços da anatomia humana. Com isso, a doença passa a ser fixada no cérebro, sendo associada à “doença do nervo”. Verifica-se que o “útero” é substituído pelo cérebro, mas esse fator não retira a mulher do centro da doença, uma vez que os vapores atingem mais o cérebro o feminino do que o masculino, fazendo com que a enfermidade esteja novamente associada à figura da mulher (Cavalcante, 2017, pp. 1-3). Esse fator elucidado como a medicina fabricou, ao longo dos séculos, hostilidades para com as mulheres.

Como se não bastasse, o próprio sangue mensal é alvo de críticas por parte do médico, alertando que o fluxo estava coeso com mau uso do corpo feminino e explica que os homens se encontravam em perigo ao deixar-se envolver com mulheres de condutas discutíveis. Tais impressões podem ser contempladas na *Observação CL*, onde o médico português discorre a respeito de mulheres que ao se aproveitarem do período menstrual, utilizaram o sangue para feitiços:

[...] quero advertir aos médicos principiantes, & às mulheres depravadas, que o sangue mensal está tão fora de conduzir para granjear amor, & afeição dos homens, que antes os faz tontos, loucos, & furiosos, & os mata; porque é tal a maldade do dito sangue, que até nas coisas insensíveis faz efeitos, & danos lamentáveis; e chega a qualquer arvore, planta, erva, ou flor, a murcha, & seca; se chega ao leite, o corrompe; se chega ao vinho, o perde; se chega ao ferro, o embota, & enche de ferrugem; & até a vista dos olhos das mulheres que estão no atual fluxo mensal, é tão venenoso, que embota a gala, & resplendor dos espelhos das mulheres que neste tempo se enfeitam a eles; & é tão notório este dano, que era proibido no Levítico que os homens não tivessem ajuntamento com suas mulheres nos dias da menstruação (SEMEDO, 1707, p. 568).

O sangue, por ser um dos quatro elementos, é considerado como um excremento e excesso de humor. Tendo em vista que esse sangue alterava os ânimos dos achacados, logo a conjunção mensal, a partir da medicina clássica, é enxergada como corruptível, passando a ser um desequilíbrio próprio da mulher. Portanto, nascidas e condenadas a conviver com seu corpo que sangra deixando-as em condições frágeis e moralmente desvirtuadas, o sangue do fluxo mensal é compreendido como veneno, tendo a capacidade de matar e deixar louco qualquer um que entrasse em contato com ele, cabendo aos médicos restaurar o equilíbrio corpóreo da mulher, bem como salvá-la espiritualmente, purificando a sua alma.

Naturalmente com uma moral desviada, essas mulheres são encontradas nos tratados médicos como desvirtuosas e capazes de fazer mal aos homens, como é exemplificado na citação acima, sendo apontados diversos fatos de caráter perverso proporcionados por mulheres. A partir daí, não é difícil para os médicos, alinhados ao discurso cristão, atribuírem a essas mulheres o papel de bruxas – uma vez que Curvo Semedo refere-se aos acontecimentos de forma ritualizada – o que corrobora para perpetuar no imaginário coletivo a imagem do feminino associada ao maligno (Bueno, 2020, pp. 4-9).

Depravadas, lascivas e soberbas. Assim são reproduzidos os discursos médicos a respeito das mulheres e seus corpos. Possuidora de uma conduta questionável, a mulher em Curvo Semedo é apresentada como aquela que é o mal do corpo social em que está inserida, quando não estão exercendo seu papel natural, trazendo à tona o enquadramento em que estas estavam inseridas, de esposa, filha e mãe. Dessa forma, nota-se a preocupação do médico em relação à maneira que essas mulheres usavam seus corpos, onde as condutas religiosas faziam-se presente, com o objetivo de preservar a pudicícia feminina.

Nesse contexto, a maternidade, especificamente o aleitamento materno e a figura da ama de leite, temas muito discutidos pela medicina, faz-se presente nas discussões de Curvo Semedo. Isso porque o corpo e a sexualidade da mulher eram definidos pelos médicos sempre com o ideal da reprodução e da maternidade. Dessa forma, a mãe e o filho passam a

ser objetos de estudos e cuidados médicos. Constata-se então que no discorrer de seus casos, Curvo Semedo traz à luz o debate acerca de condutas sociais que serão muito caras a sociedade nos séculos XIX, principalmente no Brasil, dominado pelo discurso higienista que marca o período antecedente e pós-abolição (Barbosa, 2017, pp. 151-162).

Tendo em vista essa preocupação, na *Observação XCIII*, em tom de alerta, o médico imprime um discurso moral a respeito do perfil das amas de leite e pede aos pais que escolhessem bem as nutrizes para os filhos, pois, de acordo com o médico:

[...] da sua bondade, ou malícia procede ser a criação feliz, ou desgraçada; porém é necessário advertir, que não basta só o exame que se faz no leite ; é também necessário examinar se a ama é pacífica , ou soberba; se é honesta, ou lasciva; se é fraca, ou robusta; se é bem temperada, ou muito calorosa; porque é tão grande a eficácia que tem o leite, & se naturaliza tanto com as crianças, que por meio dele recebem os mesmos costumes, vícios, ou virtudes das mulheres que as criam. [...] Se o leite é de mulher soberba, lasciva, ou tola, é o leite prejudicialíssimo; porque se naturaliza tanto com as crianças, que lhes imprime, & caracteriza (como sinete) os mesmos costumes, & inclinações das amas que os criam, como me consta de algumas pessoas, que sendo geradas de pais muito discretos, pacíficos, & virtuosos; sairão tolos, bravos, & lascivos, tomando os maus costumes de que lhes deu o leite (SEMEDO, 1707, p. 532)

Fazer advertência à qualidade do leite das amas não está somente ligado a concepções médicas, isto é, o tipo de leite que melhor nutre a criança, mas porque acreditava-se que, através do seu leite, a mulher teria o poder de passar as suas características morais e doenças do seu corpo para as crianças. Nesta observação, é possível notar que o médico barroco não faz menção à cor das amas de leite, tão pouco aborda as suas origens sociais. Contudo, se tratando de uma atividade bastante precária, uma vez que estas mulheres estariam se abstendo da criação de seus próprios filhos, dessa forma, é útil pensar se tratar de mulheres em condições menos abastadas e até mesmo escravizadas, posto que era prática comum no contexto português do século.

Entretanto, diferente do contexto brasileiro, estando associado à necessidade física por parte das mães que eram demasiadamente jovens, o que afetava as condições de produzir o leite e ofertar à criança, em Portugal, a prática estava associada à moda, significando distinção social, onde as senhoras ricas optavam pela não amamentação (Freyre, 1998, pp. 359-360).

O próprio fato de o médico levar para as linhas de seus casos o alerta referente à melhor escolha das amas, significa que, apesar de haver a preferência unânime por parte dos doutos ao aleitamento materno feito pela mãe, o que é constantemente referido em teses médicas (Carula, 2012, pp. 197-214), o corpo-social português não abria mão da atividade

oferecidas por essas amas. Por motivos que podem ir à estrutura física da mãe, ou o simples fato destas optarem por não amamentar seu filho. Como já citado, o médico Semedo especifica que tanto o leite da mãe biológica, quanto da ama são responsáveis pela moralidade da criança, ou seja, a mulher era a única culpada pela criação e educação dos rebentos.

Com isso, chamo atenção para o fato de que até hoje, há no consenso popular, a ideia da importância de a mãe amamentar seus filhos, não só pelo fato do leite ser um alimento altamente nutritivo para criança, mas por este ato consistir em um vínculo de afeto transmitido da mãe para o filho. Reforça-se então a construção da maternidade “ideal” e o arquétipo da mulher “ideal”, sendo aquela que gesta, que dá à luz, amamenta, cria e cuida do lar, fortalecendo o papel da mãe em fazer de seu filho o espelho do seu corpo, o que pode ser observado nas teses médicas do século XVII e XVIII, sendo este o caso de Curvo Semedo (Priore, 2009, p.329).

Mais adiante, ainda na mesma observação médica, Semedo, agora relatando um caso médico, chama atenção para a morte de oito crianças em apenas uma residência, decorrente do leite materno, porque de acordo com o médico:

[...] mamarão o leite de sua mãe, que era um Mongibelo de fogo, e sendo eu chamado para ver o sexto filho, que estava mirrado, atrófico, e quase morto, por haver mamado o mesmo leite, e como pelos maus sucessos antecedentes, e pelo temperamento da mãe, e pela grandíssima sede que o menino tinha, e finalmente por uns carocinhos avermelhados que por todo o corpo estavam espalhados, a que Daniel Sennert chama (A sera), conhecesse que tudo eram efeitos do leite quentíssimo, mandei logo mudar a criança para ama que tivesse leite fresco, e mais delgado, dando-lhe para isso alimentos frescos (SEMEDO, 1707, p.534)

Diante das citações, é possível observar que Curvo Semedo, amparado nas teorias de Hipócrates, encara o órgão feminino como culpado por todos males que possa vir acometer uma mulher, ao mesmo tempo que limita-a utilizando as suas condições físicas, seguido de um discurso desqualificador. A exemplo, no estrato acima, destaca-se que o médico, mais uma vez, em concordância com a medicina humoral, atribui a culpa da morte das crianças ao leite da mãe, chegando a compará-la com o vulcão Mongibello, sendo a única solução para o trato da criança, solicitar uma ama de leite que possua um “leite fresco, e mais delgado” (Semedo, 1707, p. 534)

Não há como negar que Curvo Semedo apoiado no *status* de médico, culpa a mulher pela educação das crianças, sendo mãe biológica ou ama de leite, nenhuma esgueira-se da sentença moralizante praticada pelo médico. Uma vez construída a imagem da “santa-

mãezinha” (Priori, 2009, p.105), constata-se a dificuldade do processo de desconstrução do papel da mulher dentro da sociedade, pois houve, historicamente, um procedimento de construção para padronizar o comportamento feminino baseado nos julgamentos morais, condenando os processos biológicos destas.

Portanto, a mulher só passava a ocupar um lugar na sociedade sendo mãe e esposa. A maternidade, para o médico, mas também para a sociedade em questão, era considerada sagrada, com isso, a única função que a mulher poderia corresponder estava inserida nesse âmbito. Por fim, através dos extratos médicos conclui-se que, o discurso oficial, condenava qualquer mulher que ousasse se sobrepor aos limites dados pela sociedade. Essa construção de uma fisiologia moral da mulher, deu instrumentos para que a Igreja atuasse no cerceamento desta e com poder punitivo, enfatizando o discurso desqualificante à figura feminina, tão em voga na Europa Moderna.

Conclusão

Diante do que foi abordado, levando em consideração a proposta do artigo em discutir a fabricação de certa imagem feminina, para além do que é explicitado a respeito da mulher e a sua desqualificação com respaldo médico, através das páginas do tratado *Observações médicas doutrinárias de cem casos gravíssimos* (1707), de João Curvo Semedo, podem-se observar alguns assuntos caros à sociedade portuguesa setecentista.

O primeiro está relacionado à sua relevância para perceber as relações sociais a respeito do cenário médico – licenciado e não licenciados – as práticas de curas que estavam em voga no Portugal moderno, tratando-se então da medicina hipocrática-galênica e da iatroquímica, o que evidencia a importância do uso desses documentos para estudar e analisar uma sociedade e suas imbricações. Por segundo, como já citado, diz respeito ao discurso moral imputado às mulheres quando estas não se enquadram no *status* social do período, ou seja, o de exercer a função materna e matrimonial.

Identifica-se então que, escrever a respeito da história das mulheres em conjunto com a medicina, é indicar como seu corpo passa a ser mapeado com afincado e rigor moral, baseado em uma concepção médica que não se desvincula de um olhar religioso. O sangue menstrual, a maternidade, o aborto e seus desejos sexuais são temas persistentes para o médico, passando a ser debatidos posteriormente, até mesmo no Brasil do século XIX, estando associado ao processo de modernização do país e à ideia de “europeizar” a nação.

Amparado pela medicina, a figura da mulher em Curvo Semedo está fortemente associada à maternidade e às atividades domésticas, cabendo-lhe apenas o papel de reprodutora, quando não, é caracterizada de luxuriosa e soberba, o que implica no cerceamento feminino por parte da sociedade. Essas mulheres, neste momento, não pertencem a elas, mas sim aos homens que as cercam – pai, irmão e marido – sendo necessário recuperar as suas ‘vozes’ e dar início ao processo de entender, traçando uma genealogia dos silenciamentos e das zonas de sombra, o protagonismo destas, através de seus silêncios e das violências praticadas por seus algozes.

Portanto, é necessário buscar compreender como estas foram silenciadas, estigmatizadas e expostas a uma pobreza social deliberante. A história das mulheres está, como atesta a historiografia, ainda por ser feita, pois existem lapsos que precisam ser revistos e porque ainda há histórias para ser escritas e novas formas para as escrever.

Referências

Bibliografia:

ALMEIDA, Argus **Vasconcelos de. Aspectos histórico do uso terapêutico de produtos e excreções humanas.** Recife: EDUFRPE, 2012.

ABREU, Jean Luiz Neves. Os estudos anatômicos e cirúrgicos na medicina portuguesa do século XVIII. **REVISTA DA SBHC**, Rio de Janeiro, v.5, n.2, p.149-172, jul | dez 2007.

BARROSO, Maria do Sameiro. João Curvo Semedo – **Em busca da química da vida. Medicina na beira interior da pré-história ao século, XXI.** Nº 18 – novembro de 2004.

BARBOSA, Andréa da Rocha Rodrigues Pereira. As representações sobre o corpo feminino no discurso médico baiano do século XIX. **Interfaces Científicas – Humanas e Sociais.** Aracaju. V.6. N.2. p. 151 -162. Out. 2017.

BUENO, Gessica de Brito. **Menstruação e loucura:** a natureza criminoso feminina em Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira no setecentos. XIII encontro estadual de História. História e Mídias: narrativas em disputa.

CARNEIRO, Ana; SIMÕES, Ana. DIOGO; Maria Paula. Enlightenment Science in Portugal: The estrangeirados and their communication networks. **Social Studies of Science**, nº 30, vol 4, 2000, p.591-619.

CARULA, Karoline. **Perigosas amas de leite**: aleitamento materno, ciência e escravidão em *A mãe de família. História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.19, Supl., dez.2012, p. 197-214.

CAVALCANTE, Thaís Jamyle Pinheiro Dionísio. **Histeria**: da antiguidade ao século XIX. EPP. 2017.

CERQUEIRA, Alan costa. MAIHARA, Raianne Marques Vitória. “um mal necessário?”: As amas de leite e o discurso médico-higienista nas últimas décadas do século XIX. **Mundos do trabalho**, Florianópolis| v.12| p.1-16| 2020.

CONDÉ, M. M. (2015). A psicologia moral de Sêneca: a relação entre a disposição de alma e a vida feliz. **Nuntius Antiquus**, 11(1), 89–110. Recuperado de https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/17169.

DIAS, José Pedro Sousa. **Droguistas, Boticários e Segredistas**: Ciência e Sociedade na produção de Medicamentos na Lisboa do Setecentos. Novembro de 2007.

EDLER, Flávio Coelho. **Boticas e farmácia**: uma história ilustrada da farmácia no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

FREITAS, Ricardo Cabral de. Curas químicas para males galênicos: plantas e minerais no tratamento de febres em João Curvo Semedo. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**. 2021.

FREITAS, Patricia de. “A mulher é seu útero”. A criação da moderna medicina feminina no Brasil. **Antíteses**, Vol.1, núm. 1, 2008, pp.174-187.

FREITAS, Marcos Cezar de. **Historiografia brasileira em perspectiva**/Marcos Cezar de Freitas (org.) 6. ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2007.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: Formação da família brasileira sobre regime patriarcal. 34ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GUEDES, Roberto. Ofícios mecânicos e mobilidades social: Rio de Janeiro e São Paulo (Sécs. XVII-XIX). **Topoi**, v.7, n.13, jul-dez. 2006, pp. 379-423.

KRAUSE, Thiago Nascimento. A dispensa de defeitos mecânicos dos vassallos luso-brasílicos e a remuneração serviços na lua contra os neerlandeses: prática ou norma? Bahia e Pernambuco. **ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA** – Fortaleza, 2009.

LIMDEMANN, Mary. Medicina e Sociedade no Início da Europa Moderna: novas abordagens da história europeia. Lisboa: Replicação, 2002.

LOURENÇO, Tânia Souza. **O médico entre a tradição e a inovação**: João Curvo Semedo. Niterói, RJ, 2016.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Tradução Vera Whately. – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MARTINS, Ana Paula Vosne. A mulher; o médico e as historiadoras: um ensaio historiográfico sobre a história das mulheres, da medicina e do gênero. **Hist. cienc. saúde-Manguinhos**, v.27, n.1, jan-mar. 2020, p.241-264.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do feminino**: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004. 188p. ilus (Coleção História e Saúde).

NÓBREGA, Maria Irene Dória. **Saber médico na época barroca** – nascer, em Portugal. Para Além da Ciência – 2015, p. 186-194.

PRIORE, Mary Del. **Ao sul do Corpo**, Condição Feminina, Maternidade e mentalidades no Brasil Colônia. UNESP: São Paulo, 2009.

PIMENTA, Tânia Salgado. GOMES, Flávio. **Escravidão, doenças e práticas de cura no Brasil**. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2016.

PALMESI, Luca. **Saber e sabor** [manuscrito]: corpo, medicina e cozinha na obra de Francisco da Fonseca Henriques – 2014. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

ROSEN, George. **Uma História da saúde pública**. Editora UNESP, 1994.

RODRIGUES, Cleiton Lopes. **Humores e temperamentos**: considerações sobre a teoria Hipocrática, revista páginas de filosofia, v. 9, n.2, p.109-120, jul-dez. 2020. página 115.

SILVA, Luisa Stella de Oliveira Coutinho. **O saber médico e o corpo das mulheres no Brasil**: a tradição médica da metrópole na Capitania da Paraíba. *IBEROAMERICANA. América Latina - Espanha - Portugal*, v. 19, n. 71. 2019, p. 145–172.

SILVA FILHO, Wellington Bernardelli. A trajetória da ipecacuanha na Europa: os usos de uma raiz colonial contra a disenteria na época Moderna. **Diálogos**, Maringá-PR, Brasil, v.25, n.2, p.21-43, maio. /ago. 2021

SANTOS, Georgina Silva dos. **A arte de sangrar na Lisboa do antigo regime**. Tempo, Rio de Janeiro, nº 19, pp. 43-60, 2005.

SANTOS, Georgina Silva dos. **João Curvo Semedo e Arte dos Médicos no Portugal Seiscentista (1635-1719)**. Universidade Federal Fluminense.

VERÍSSIMO, Ana Luiza Mende. **Corpo, moral e saúde**: a contribuição de João Curvo Semedo para os cuidados com a mulher. Universidade Estadual Paulista.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. **Gomes Ferreira e os simplices da terra: experiências sociais dos cirurgiões no Brasil – colônia**. I – Estudos Críticos, Editora Fiocruz.

WALKER, Timothy D. **Médicos, Medicina Popular e Inquisição**: A representação das curas mágicas em Portugal durante o Iluminismo. Tradução de Mariana Pardal Monteiro – Rio de Janeiro/ Lisboa, Editora FIOCRUZ/Imprensa de Ciências Sociais, 2013.

Fonte:

SEMEDO, João Curvo. Observações medicas doutriniais de cem casos gravíssimos, que em serviço da pátria & das nações estranhas escreve em língua portugueza, & latina. Lisboa, 1707.

Recebido em 22 de janeiro de 2024
Aprovado em 15 de setembro de 2024